

**'LO INDÍGENA LO LLEVAMOS EN LA SANGRE':
COMPARANDO TRÊS ROMANCES DE MULHERES
HISPANO-AMERICANAS**

Márcia Hoppe Navarro¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é examinar as perspectivas culturais, históricas e genéricas existentes em representações literárias contemporâneas sobre o passado, principalmente o passado asteca. O importante nessa análise do passado em busca de nossa própria identidade, é que nos permite reconstruir um tempo que já passou com nossos olhos de agora, ou seja, faz com que processos culturais antigos se transformem em novas formas de entender o mundo atual. Analisa-se como a escritora nicaraguense Gioconda Belli e as mexicanas Carmen Boullosa e Laura Esquivel apresentam o mundo asteca nos romances *A mulher habitada*, *Llanto* (Pranto) e *A lei do amor*. Belli e Boullosa fazem renascer personagens da história asteca no mundo presente, enquanto Esquivel os leva ao futuro. O confronto entre o passado asteca, o presente e o futuro nos oferece um novo código para a percepção da História. O ensaio examina como as escritoras estabelecem a comparação de tempos tão distintos, intercalados por cinco séculos, através de uma perspectiva gendrada.

Palavras-chave: história asteca, gênero, identidade, processos culturais, emancipação feminina.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to examine gender, history and culture in selected Latin American novels by women writers Gioconda Belli, from Nicaragua, and Carmen Boullosa and Laura Esquivel, from Mexico. These novels, *La mujer habitada*, *Llanto* and *La ley del amor*, have in common the literary representation

¹ A autora é professora na Graduação e Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

of Aztec world which is seen through the eyes of the present. This implies not only the five centuries of changes that separate us from the pre-Colombian societies but also, and particularly, the gendered perspective that became a crucial aspect of literary analysis recently. The most important aspect in this analysis is that it allows us to search for our own identity and to transform old cultural processes in new forms of understanding our days. While Belli and Boullosa's novels create Aztec characters that are reborn in contemporary times, Esquivel presents them both in the past and in the future, two hundred years from now. The comparison between Aztec past, our present and the future offers us a new code for the perception of History.

Keywords: Aztec history, gender, identify, cultural process, women's emancipation.

O limiar do século XXI nos remete não só ao futuro e às perspectivas do hispanismo em um novo tempo, mas também ao passado, fazendo-nos pensar no que existia na América, hoje chamada Hispânica, antes da conquista espanhola. Esse olhar para o passado nos permite reconstruir, desde o presente, um tempo que já passou, ou seja, faz com que a compreensão de processos culturais antigos se transformem em meios para entender o mundo atual. O objetivo deste ensaio é analisar e comparar o modo como a escritora nicaraguense Gioconda Belli, e as mexicanas Carmen Boullosa e Laura Esquivel apresentam a história asteca nos romances *La mujer habitada* (1989), *Llanto: novelas imposibles* (1992) e *La ley del amor* (1995) através de uma perspectiva de gênero. Belli e Boullosa fazem reviver personagens da história asteca no mundo presente, enquanto Esquivel os projeta ao futuro. A confrontação do passado asteca com o presente e o futuro nos oferece um novo código para a percepção da história. O objetivo é examinar como essas escritoras, através da comparação entre diferentes períodos históricos, que englobam quase cinco séculos, contribuem para o progresso metodológico dos estudos de gênero na análise literária.

Em *La mujer habitada*,² Gioconda Belli converge o passado asteca ao período contemporâneo através das histórias da índia Itzá, companheira de Yarince, cacique dos Boacos e Caribes, com quem ela lutou bravamente contra os conquistadores espanhóis; e de Lavinia, uma arquiteta que é influenciada por essa herança indígena e que se envolve nos movimentos revolucionários na

² BELLI, Gioconda. *La mujer habitada*. México: Editorial Diana, 1989. As citações deste livro aparecerão no texto seguidas de LMH.

América Central do século XX. A narrativa de Belli apresenta a fusão dessas vozes femininas que, apesar dos séculos que as separam, têm em comum a necessidade de mudança em suas respectivas sociedades e relações pessoais, principalmente no que se refere à participação e emancipação da mulher, permitindo, desse modo, trilhar caminhos na busca de identidade e liberdade.

O título de meu trabalho se refere às palavras ditas por Flor, a guerrilheira que introduz Lavinia aos conceitos revolucionários, quando esta última comenta que sempre pensa em coisas esquisitas, relacionadas com os índios, com arcos e flechas. “-Es extraño, ¿verdad?”, pergunta. A lo que Flor contesta: “-Yo no lo veo tan extraño. Tal vez algo te impresionó cuando estabas pequeña ... después de todo, lo indígena lo llevamos en la sangre” (LMH, p.208-9).

Considerando essa relação tão próxima que temos em nosso próprio sangue com tudo o que se refere ao índio, que afinal é o nosso passado, nossa própria história, fiquei pensando sobre qual seria o sentido real das palavras de Flor. A relação com a história é transparente, mas não haveria algo além disso? Lembrei-me, então, da expressão “le saltó el indio”, que costuma ser utilizada (em espanhol) quando alguém rompe com o estabelecido, com a tradição, e me dei conta de que o «algo mais» era, justamente, esse momento em que a história nos permite ver, reinterpretar e fazer coisas que por muito tempo foram mantidas reprimidas. Nos três romances que foram analisados, nos quais literal e metaforicamente “saltan los indios”, rompe-se com a tradição, subvertendo-se padrões preestabelecidos da sociedade patriarcal. Como os índios, as mulheres têm que resistir, pois, como diz Itzá, é o único que perdura:

Los hombres siguen huyendo. Hay gobernadores sanguinarios. Las carnes no dejan de ser desgarradas, se continua guerreando. Nuestra herencia de tambores batientes ha de continuar latiendo en la sangre de esas generaciones. Es lo único de nosotros, Yarince, que permaneció: la resistencia. (LMH, p.87)

Assim como Gioconda Belli, em *La mujer habitada*, nos traz de volta o passado asteca através de Itzá, uma índia que deixa seu leite de terra transformada em árvore, ao renascer em uma velha laranjeira, que dá frutos pela primeira vez, e permitir que suas idéias subversivas comecem a ter eco nos anos setenta (o ano é 1972), no romance *Llanto: novelas imposibles*,³ Carmen Boullosa também faz renascer a um asteca no presente, mais precisamente em 1989. Mas aqui, a relação entre passado e presente ocorre ao contrário, pois já não

³ BOULLOSA, Carmen. *Llanto: novelas imposibles*. México: Ediciones Era, 1992.

encontramos a mesma identificação e identidade entre as personagens dos dois tempos. O índio que “salta” da terra é nada menos que Moctezuma Xocoyotzin, nono Tlatoani asteca, morto pouco depois da conquista do México. Moctezuma é encontrado por três mulheres que, após uma noite de festa e bebedeira, caminhavam pelo Parque Hundido na Cidade do México. Ao perder suas referências, o Tlatoani - palavra cujo significado é, justamente, “aquele que pode falar” ou “aquele que tem o poder da palavra” - perde seu poder. Mas aquele que teve o poder da palavra fica aturdido, confuso, afásico, comandado por três mulheres que, de uma forma absolutamente inaudita, dizem-lhe o que deve fazer e como deve entender aquele novo mundo que se descortina frente aos seus olhos na cidade que, em outros tempos, foi a sua Tenochtitlán. As reações do outrora todo-poderoso Tlatoani incluem a surpresa, a indignação e, depois, a passividade, ante as complicadas situações que Boulosa lhe apresenta no século XX. Mas o que contém estas situações, além da notória hilaridade?⁴ A questão fundamental, me parece, é a do poder, ou melhor, da perda do poder. Ou seja, o que havia ocorrido em todos esses séculos que o separaram de seu tempo, que concedem tal poder à mulher, permitindo-lhe dar ordens ao Tlatoani?

Enquanto em *La mujer habitada*, Itzá observa o mundo atual, e a comparação entre as duas épocas lhe permite certa simetria, na qual o presente não parece ter superado o passado de maneira significativa, em *Llanto* a questão genérica é estabelecida de forma mais radical. Boulosa, da mesma maneira que Belli, utiliza a polifonia para expressar a diferença. Como na obra da escritora nicaragüense, há em *Llanto* duas vozes, uma pontual, que narra a história, e outra poética, que comenta e divaga sobre a história. Entretanto, enquanto no romance nicaragüense há uma certa aproximação entre as duas vozes do presente e do passado, na obra mexicana as duas vozes se opõem e se separam. A primeira voz, a do Tlatoani, é formada por suas lembranças, por sua história, por tudo o que escreveram sobre ele em sua época, pelos comentários da autora e das personagens criadas por ela. A segunda voz é a do vento, do nada, a voz daquelas que nunca tiveram história e, por isso, não conseguiram a materialização ou reencarnação no mundo presente:

Lo primero que apareció fue el hormiguero. Trás el, persiguiéndolo, por sus galerías, como soplos, las mujeres. Nadie alcanzó a contarlas. Les llevó más tiempo recorrer los

⁴ Por exemplo: “Ver para creer: él no sabía que los sillones eran para sentarse, que la mesa era para comer, que los libros que Laura tenía apilados por aquí y por allá eran libros y que se podía leer en ellos, que para abrir una puerta había que introducir la llave en la cerradura, girar el picaporte y empujar. Ver para creer: él no sabía nada de lo que era una casa”. (*Llanto*, p. 71)

pasillos de tierra que despertar. Como aire que sube, treparon por los túneles del hormiguero y reventaron en forma de mujer, brotando como botones de carne al final de un tallo de aire. Brotaron, reventaron, se hicieron, aparecieron. Con igual fuerza, paf, fueron ceniza apenas encarnaron. Para ellas despertar fue desaparecer. ¿Cuántas fueron, cuántas? Nada hubiera podido contarlas. A ningún ojo le hubiera dado tiempo de hacerlo. (*Llanto*, p. 111)

Enquanto o Tlatoani pode voltar de corpo inteiro, as mulheres se desfazem em pó fino, ou, como diz Boulosa, “en la ceniza que se había vuelto mensajera” (p. 35). O que a autora quer nos dizer, ao romper a lei do silêncio, que sepultou vivas essas inumeráveis mulheres junto ao cadáver de Moctezuma, fazendo com que elas sejam “mensajeras”?

Aquello que no pudo sostenerse con cuerpo o memoria de mujer, las mujeres que murieron junto com el Tlatoani en la ceremonia que él mereciera por serlo, aunque su imperio se desmoronara, ahora se había convertido en lo que deseaba hacer decir la historia, ahora era cenicienta, polvo fino acarreado por un viento casi imperceptible y que cualquiera creería indefenso. (*Llanto*, p. 36, meu negrito)

Sim, o vento pareceria imperceptível e “nadie hubiera oído así, en el sentido en que el vientecillo quería decirlo” (p. 117), se não fosse pela raiz deteriorada da nova história que foi construída, raiz que “no es una elección, es una memoria india imborrable e imposible de evitar, irrecuperable e inalcanzable, un recuerdo de un dominio del mundo que hoy no puede tener imitación” (p. 118).

O mundo mudou muito desde a época dos astecas e o estranhamento entre os sexos produziu uma das grandes transformações de comportamento na história da humanidade. Por isso, ao reinterpretar uma história que sempre foi vista de forma parcial, pelos olhos dos dominadores, as duas escritoras conscientemente buscam eliminar a invisibilidade daquelas que foram duplamente dominadas e apagadas do processo histórico. Os dois romances mostram que é fundamental voltar ao passado, não só para não deixá-lo no esquecimento, mas, sobretudo, para assegurar um futuro não patriarcal. A reflexão sobre o passado, com um olhar crítico e sem preconceitos, ajuda a superar a herança de opressão, permitindo-nos traçar novos caminhos de transformação de nossa sociedade presente. Quando as mulheres vêem Moctezuma, o que elas vêem? A ele ou às imagens dele construídas através da história?

Sí, sí lo vieron, ¿Pero qué vieron? ¿Al que estaba acostado en el pasto cortado a ras del piso, tendido sobre la piel curtida y las plumas de águila, tirado fuera del tiempo? ¿o a quién vieron, si por ahí corrían tantas imágenes? Había demasiadas que ver, pero no había sobre qué verlas, como si la materia del Parque Hundido no serviera de pantalla para recibir los haces de luz de las proyecciones que los años, de pronto sin rumbo, desbocados, salidos del redil del tiempo, burlones, quisieron mostrar, exhibiendo sus enaguas aquí y allá, sin fortuna, porque **nadie parecía saber cómo abrir los ojos para mirárselas.** (*Llanto*, p. 47, negritos meus).

Assim como é necessária uma nova forma de olhar para o passado, para entender não só o personagem asteca, mas todo o mundo governado por ele, para compreender as novas relações genéricas no mundo que se apresenta ante seus olhos, quase em um novo milênio, também é imprescindível que o imperador asteca veja as mulheres do presente com uma nova forma de ver. Mas ele não quer vê-las, pois, além de pensar que as três são iguais - parece-lhe que se vestem da mesma maneira -, não encontra na memória nada com que compará-las. Em sua época, as mulheres não eram "principais", não eram como esta que agora se dizia sua dona («Lo llevo conmigo, donde yo vaya. Es mío» - dijo Laura, p.48). As mulheres eram muito submissas, como aquela cuja lembrança aparece no início do livro: era a favorita do Tlatoani, à qual ele ordena que dê de mamar a um cachorro vira-lata. Ela "le acomodó entre las quijadas el pecho y apenas sintió su áspera lengua sobre el tierno pezón sobrevino el dolor de la mordida, y el chorro de sangre y el alboroto con que la sacaran le impidieron ver la cara de desagrado del emperador». Mesmo assim, a mulher, que havia sido imediatamente abandonada pelo Tlatoani, mais tarde, quando ele morre, sente uma dor mais intensa do que a da rejeição e, de uma maneira totalmente inadmissível nos tempos atuais, "pidió que la incineraran con el cortejo que lo acompañaría a lo que pensaron sería su último viaje, junto al perro que le había arrancado la mitad del pecho y al emperador" (*Llanto*, p.19). Tal grau de submissão seria inimaginável nos dias de hoje. Por essa razão, o romance de Boullosa é, como diz o título, "impossível": aquilo que se havia convertido em vento "que deseaba hacer decir la historia", ou seja, as mulheres astecas não podem dizê-lo, pois foram socializadas para não ter autonomia para tanto. Não nos esqueçamos, entretanto, que elas eram «mensajeras» e sua mensagem é justamente tentar impedir que sejam mantidos os padrões de subordinação e que perpetuem qualquer assimetria nas distribuições de poder.

Em *La mujer habitada*, a representação da mulher asteca é bem

diferente. Itzá, a personagem principal, atua com autonomia, sua diferença com as demais mulheres vem desde o nascimento, pois a parteira não enterrou seu umbigo debaixo do fogão, como era a tradição para as meninas astecas,⁵ nem a tomou em seus braços para dizer-lhe: "Estarás dentro de la casa como el corazón dentro del cuerpo(...).serás la ceniza que cubre el fuego del hogar" (*LMH*, p. 8). Itzá se compara a Lavinia, que tem traços parecidos aos das mulheres dos conquistadores espanhóis, mas também o andar e o mover-se com determinação das mulheres da tribo, "como nos movíamos y andábamos antes de los malos tiempos" (*ibidem*). Ou seja, ao mesmo tempo que pensa que agora há poucos assuntos que lhe são compreensíveis, Itzá percebe que "hay cantidad de relaciones inmutables; lo primario sigue siendo esencialmente semejante" (*LMH*, p.69). Ela reconhece seu sangue, o sangue de seus antepassados indígenas nesta mulher de nossos dias e, ao habitar seu sangue, não pode se conter, tem que ajudá-la a atuar no mundo, pois ainda se mantém as contradições dentro das quais vive a mulher dos novos tempos que a índia procura entender:

Se debate con las contradicciones. Uno y otro día la he sentido bambolearse sin poder evadirse, sin poder huir, asomándose como quien contemplara un precipicio. No sé si debo insistir. No sé si puedo. No me son claras aún las relaciones. Sé que ciertas imágenes de mi pasado han entrado a sus sueños, que puedo espantar su miedo oponiéndole mi resistencia. Sé que habito su sangre como la del árbol, siento que no me está dado cambiar su sustancia, ni usurparle la vida. Ella ha de vivir su vida, yo sólo soy el eco de una sangre que también le pertenece. (*LMH*, p. 93)

A atuação de Lavinia na história de seu país se deve, então, à influência indígena, ou, mais precisamente, ao passado de luta que corre em suas veias, procurando romper as cadeias de subordinação, em todos os níveis. Entretanto, para Itzá:

Las mujeres parecen ya no ser subordinadas, sino personas principales. Hasta tienen servidumbre por sí mismas. Y trabajan fuera del hogar. Ella, por ejemplo, sale a trabajar por las mañanas. (*LMH*, p.25)

[...]

⁵ Por outro lado, enterrava-se o umbigo dos meninos no campo de milho ou em algum lugar exterior, para socializá-los desde cedo, enfatizando a importância da atuação do homem fora de casa.

Me pregunto cuánto ha cambiado el mundo. Esta mujer está sola. Vive sola. No tiene familia ni señor. Vino a echarse en la hamaca cerca de mis ramas. Estras su cuerpo y piensa. Goza de tiempo para pensar. Para estar así, sin hacer nada, pensando. (LMH, p.17)

O trabalho doméstico da mulher asteca, criada desde criança para uma vida de sofrimentos e cansaço, não lhe permitia participar do “mundo dos homens”. A participação de Itzá na luta é mal vista por homens e mulheres, ela é considerada uma bruxa⁶:

Yo miraba, oculta desde unos matorrales porque a las mujeres no se nos permitía estar en los oficios de los sacerdotes. Debía haberme quedado en la tienda, pero de todas formas, había desafiado lo que es propio para las mujeres, yéndome a combatir con Yarince. Era considerada una texoxe, bruja, que había encantado a Yarince con el olor de mi sexo. (LMH, p. 62)

Rodríguez, em *La mujer azteca*, mostra que na sociedade asteca existia a tendência de deixar a mulher de lado em atividades nas quais pudesse ter supremacia, por isso existia uma lei que estabelecia que somente os homens podiam caçar ou ir para a guerra.⁷ Mas a maior força de Itzá não é participar da guerra, e sim participar da palavra. Como se costuma dizer, a história das mulheres é a história de seu acesso à palavra. Itzá, ao contrário das mulheres astecas de *Llanto*, que não chegam a se expressar, conta sua própria história. A audição direta de sua voz em primeira pessoa é, como diz Duby, uma “questão de penetração em um domínio sempre marcado pelas fronteiras flutuantes do permitido e do proibido.”⁸ Itzá não se deixa dominar pelas proibições e penetra no domínio sagrado da palavra sem a interferência dos critérios de seleção dos escribas do poder. O que Itzá fala encontra eco em Lavinia, a qual, quinhentos

⁶ Segundo Sahagún, a bruxa tinha uma péssima reputação, dizia-se que ela tinha “pacto com o demônio, sabe dar venenos que mata os homens, engana as pessoas com as suas feitiçarias, soprando os doentes, atando e desatando sutilmente os cordões, olhando a água, jogando grãos gordos de milho que costuma usar em sua superstição” (SAHAGUN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de la Nueva España*. 4. ed. México: Porrúa, 1979. p.562).

⁷ RODRÍGUEZ-SHADOW, María J. *La mujer azteca*. Toluca, México: Universidad Autónoma del Estado de México, 1991. p.126-7.

⁸ DUBY, Georges, PERROT, Michelle. *Historia de las mujeres, Vol.1- La antigüedad*. Madrid: Taurus, 1996. p.25.

anos depois, é influenciada pela índia:

El tiempo no transcorre: ella y yo tan lejanas podríamos conversar, entendermos en la noche de luna alrededor de la fogata. Innumerables preguntas sin respuesta. El hombre se nos escapa, se desliza entre los dedos como pez en el río manso. Lo esculpimos, lo tocamos, le damos aliento, lo anclamos entre las piernas y aún sigue distante cual si su corazón estuviese hecho de otro material. Yarince decía que yo quería su alma, que mi deseo más profundo era soplarle en el cuerpo un alma de mujer. (LMH, p. 201)

Essa relação de identidade genérica entre as duas ocorre não só pela aproximação dos seus interesses como mulheres e como guerrilheiras, mas também pela história do mesmo sangue compartilhado. Como diz Itzá:

Siento la sangre de Lavinia y me invade una plenitud de savia invernal, de lluvia reciente. De extraña manera, es mi creación. No soy yo. Ella no soy yo de vuelta a la vida. No me he posesionado de ella como los espíritus que asustaban a mis antepasados. No. Pero hemos convivido en la sangre y el lenguaje de mi historia, que es también la suya, ha empezado a cantar en sus venas. (LMH, p. 121-2)

Os espanhóis geraram nas índias a povoação mestiça, essa mistura biológica que somos e que chegou a se constituir em um dos elementos mais importantes de dominação, pois seus filhos “ilegítimos” ficavam a serviço do senhor, aumentando, assim, o seu poder. Por isso, tanto em *La mujer habitada* quanto em *La ley del amor*, as índias se negam a parir. Essa questão é examinada por Herren em *La conquistista erótica de las índias*, que mostra como a violação das índigenas representava uma atração poderosa – talvez até mais do que o ouro – para os espanhóis. O autor chama a atenção para um aspecto da conquista que foi quase invariavelmente esquecido pelos historiadores: que a Conquista das Índias foi, em grande medida, a conquista sexual das índias. O resultado é que cinco séculos depois, o povo mestiço é a marca do continente. O trabalho de Herren faz com que entendamos nossa história ao incorporar a objetivação sexual da mulher em sua interpretação da conquista: “Como uma mostra cabal das estreitas relações que existem entre sexo e poder, quando os espanhóis não conseguiram um rápido triunfo sobre os indígenas, por sua obstinada resistência, produziu-se “a mestiçagem ao contrário”: os índios fecundaram os ventres das espanholas, em sua grande maioria escravas, com filhos que acabariam sendo

seus amos.”⁹

No romance *La ley del amor*,¹⁰ de Laura Esquivel, temos um exemplo dessa atração, ou “conquista sexual das índias”, através da violação da índia asteca Citatli, por Rodrigo, capitão de Cortés:

El día en que Cortés vio a un indio tocando el caracol frente a los restos de una antigua pirámide, supo que no podía dejar la ciudad en ruinas. Habría sido como dejar un monumento a la grandeza de los aztecas. La añoranza invitaría tarde o temprano a los indios a intentar organizarse para recuperar su ciudad. No había tiempo que perder. Tenía que borrar de la memoria de los aztecas la gran Tenochtitlán. Tenía que construir una nueva ciudad antes de que fuera demastado tarde. Con lo que no contó fue con que las piedras contienen una verdad más allá de lo que la vista alcanza a percibir. Poseen una energía propia, que no se ve, sólo se siente. (...) Su presencia invisible le daba total libertad de acción y le permitía circular silenciosamente en lo alto de las pirámides sin que nadie se diera cuenta. Algunos conocieron sus efectos, pero no supieron a qué atribuirlos. El caso más grave fue el de Rodrigo Díaz, valiente capitán de Cortés. (...) Cuando le dijeron que había una pirámide sobre la que los indios acostumbraban celebrar ceremonias paganas a una supuesta diosa del amor, se rió. No creyó ni por un momento que pudiera existir tal diosa. Mucho menos que la pirámide sirviera para algo. (...) Sin pensarlo mucho, Cortés decidió darle a Rodrigo el terreno donde se encontraba dicha pirámide para que construyera sobre ella su casa. (*La L del A*, p. 18-9)

No momento em que Rodrigo se empenha em destruir a pirâmide, ele vê Citatli, que atravessa seu caminho, e sente como se um raio tivesse cruzado seu corpo:

No supo cómo enfrentar el desafío y calló presa del conjuro de esas caderas. Todo eso pasaba mientras sus manos estaban concentradas en quitar la piedra que formaba la

⁹ HERREN, Ricardo. *La conquista erótica de las Indias*. Buenos Aires: Editorial Planeta, 1994. p. 16.

¹⁰ ESQUIVEL, Laura. *La ley del amor*. México: Grijalbo, 1995. As citações deste livro serão seguidas de “*La L del A*”.

cúspide de la Pirámide del Amor. (...) Encuanto la tuvocerca, no se pudo controlar, ordenó a los demás indios que buscaran acomodo y ahí mismo, en el centro de lo que fuera el centro, la violó. (*La L del A*, p. 20)

No podía haber cometido mayor ultraje que violarla en un sitio tan sagrado. Citlatli suponía que la Diosa también tendría que estar de lo más ofendida.” (íbidem, p. 22).

Nunca supieron que la verdadera razón era una que nadie veía. Que el rechazo provenía del subsuelo del choque de energías entre los restos de la Pirámide del Amor y la casa que le habían construido encima. Del rechazo total entre las piedras que formaban la casa. Del disgusto de la Pirámide que no esperaba más que el momento adecuado para sacudirse de encima las piedras ajenas y así recuperar su equilibrio. (íbidem, p. 26-7)

Nesse mesmo lugar, setecientos anos depois, Azucena, uma astroanalista (espécie de psicóloga do futuro que trata pacientes com problemas mentais por crimes cometidos em vidas passadas), tem a missão de reestabelecer a harmonia cósmica, que fora perdida quando os espanhóis destruíram Tenochtitlán, e de divulgar a lei do amor, baseada no autoconhecimento (o que implicava conhecer, primeiramente, os milhares de vidas de seus pacientes). Para poder conhecer-se é necessário que venha à superfície a Pirâmide do Amor, soterrada embaixo da casa de Rodrigo, o estuprador espanhol de Citatli, no século XVI. Essa é uma forma simbólica de fazer sair à superfície, de fazer voltar à memória, não só esse estupro, mas todas as violações e massacres de índias(os) ocorridos no passado. Reestabelecer a harmonia cósmica implica entender nosso papel na história, no sentido em que o escravo Ti Noel o consegue em *El reino de este mundo*, de Carpentier, por exemplo. No fim de sua vida, o escravo vive um momento de suprema lucidez, no qual percebe que todo seu passado, os distantes antepassados da África, cuja força e abundância ele volta a ver no espaço de uma batida do coração, fazem parte de sua própria história, “haciéndole creer en las posibles germinaciones del porvenir”.¹¹

Essa é uma idéia recorrente nos três romances aqui estudados: mostrar que o ser humano não é só o presente, mas sim tudo que o antecedeu, e tudo que virá, fazendo com que sejamos uma peça-chave na construção do futuro. Nesse

¹¹ CARPENTIER, Alejo. *El reino de esse mundo*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1983. p. 118.

sentido, perdem-se os valores individualistas, pois todos fazemos parte de uma humanidade ampla e irrestrita. E este é o grande mérito dos três romances: fazer com que nos sintamos parte do presente e participantes de um mundo em construção, que depende de nós para manter firmes os alicerces e a esperança inabalável de que a mudança é possível.

Os romances de Boullosa, Belli e Esquivel representam, cada um à sua maneira, uma ruptura com visões tradicionais da mulher asteca. Se as índias de *Llanto* não se materializam corporalmente, deixam, sem dúvida, a mensagem do silêncio, que se torna muito eloqüente e significativo. Itzá, a índia que habita o sangue da mulher atual é, em certo sentido, até mais forte e independente que Lavínia, porque é ela, a índia, quem a faz lutar. E Cítatlí, a índia de *Laley del amor*, representa primeiro a oposição à mestiçagem (na Conquista), mas depois de passados tantos séculos (e mais alguns no futuro) demonstra a aceitação dessa inevitável mistura de sangue, ao se relacionar amorosamente, no ano de 2220, com o mesmo Rodrigo, que no passado a estuprou sobre as ruínas de Tenochtitlán. Assim como “as mulheres indígenas foram o veículo mais ativo e eficaz da colossal experiência de transculturação que supôs a conquista da América”,¹² as mulheres de nossos dias, que escrevem estes romances, proporcionam o veículo adequado para fazer com que a herança do passado seja aproveitada em todas as suas “posibles bifurcaciones del porvenir”, mas jamais repetida.

Qual é, então, o objetivo presente nestas obras que visitam o passado? Há um elemento comum em todas elas. O verdadeiro objetivo é fazer o contraste entre as formas do patriarcado brutal imposto pelos espanhóis e como, apesar do êxito alcançado, o legado patriarcal se perpetua sob formas modernas, mostrando-nos o quanto ainda há por fazer para deixar que falem todas as indígenas “que llevamos en la sangre”.

¹² SALAS, Alberto. “El mestizaje en la conquista de América”. In: DUBY, G. PERROT, M. *Historia de las mujeres. Vol. 3-Del Renacimiento a la Edad Moderna*. Madrid: Taurus, 1993. p. 569.